

Perspectivas econômicas e o complexo eletroeletrônico

COM NECESSIDADE DE AMPLIAÇÃO DA CAPACIDADE NA ÁREA ENERGÉTICA, SETOR DEVE CRESCER 10% EM 2002

ANTÔNIO C. DE LACERDA

As grandes transformações no cenário internacional têm representado para os países em desenvolvimento, e em especial para o Brasil e demais países dependentes de capitais, um enorme impacto quanto à capacidade de crescimento. O desaquecimento sincronizado das principais economias, processo já observado a partir do final do ano passado, intensificado no primeiro semestre deste ano e agravado com os atentados terroristas e os seus desdobramentos, significa uma nova realidade a ser enfrentada no curto prazo.

Como principais consequências desse processo gradual de desaquecimento das economias há uma diminuição do fluxo de capitais, especialmente dos investimentos diretos estrangeiros globais, que, depois de atingir o nível recorde de US\$ 1,3 trilhão em 2000, deverão diminuir cerca de 40% este ano. Da mesma forma, as exportações mundiais, que cresceram 12% em 2000, crescerão muito pouco este ano, entre 1% e 2%, considerando-se o volume físico. Há uma queda quase que generalizada de preços dos produtos exportáveis, principalmente das commodities, que tiveram uma redução média de 20% nos dois últimos anos.

Toda essa mudança tem impactos diretos sobre a economia brasileira, uma vez que fica mais difícil financiar-se em um cenário de desaceleração internacional. O resultado prático é a instabilidade do nível de atividades. O ano 2001 começou muito bem, ainda com reflexo do bom desempenho de 2000, quando o PIB apresentou uma expansão de 4,5%. O bom resultado dos primeiros meses do ano foi abortado por uma sucessão de choques: a crise energética, o agravamento da situação Argen-

tina e a recessão norte-americana.

Dada a dependência ainda significativa de capitais externos da economia brasileira e a conseqüente limitação de espaço da política econômica doméstica, deveremos ter um desempenho do PIB próximo de 2% ao ano, em 2001 e 2002.

O fator-chave para as oportunidades da concretização desse cenário ainda será fortemente dependente da recuperação da economia norte-americana, o que poderá ocorrer a partir do segundo trimestre do ano vindouro. Para o cenário interno, quanto mais rapidamente ficar perceptível para os agentes econômicos a reversão positiva da balança comercial e seu impacto na diminuição do déficit em contas correntes, melhor será a percepção de risco e, portanto, o espaço para mudanças nas ta-

xas de juros e menor pressão sobre o câmbio.

Para o mercado eletroeletrônico brasileiro todos esses fatores representam riscos e oportunidades. O faturamen-

to do setor cresceu 11% no ano 2001, puxado principalmente pelo desempenho da área de geração, transmissão e distribuição de energia. O efeito das turbulências ao longo do ano pode ser notado pela diferença entre o primeiro semestre, quando o faturamento cresceu 22% em relação a igual período do ano anterior, e do segundo semestre, cujo crescimento foi de apenas 2%.

O comportamento do setor em 2002, assim como ocorre em todo os setores produtivos, estará fortemente dependente do quadro macroeconômico. Mas, tendo em vista principalmente a necessidade de ampliação da capacidade instalada na área energética, esta continuará a puxar o desempenho do setor, que deverá apresentar um crescimento próximo de 10% no acumulado do ano.

Do ponto de vista estrutural, o elevado déficit comercial dos produtos do setor eletroeletrônico, de cerca de US\$ 8 bilhões, continua a representar o maior desafio que não se restringe ao mercado setorial, mas do próprio desenvolvimento do País, dado o seu papel para as contas externas brasileiras.

Nesse sentido, há uma vasta agenda de tarefas a ser cumprida para permitir maior competitividade sistêmica para a produção local. Isso tanto para viabilizar substituição de importações quanto expansão de exportações. A questão da reforma tributária e a articulação dos Fóruns de Competitividade continuam a representar fatores cruciais para a superação dos desafios.

Em recente trabalho publicado, tratamos a questão da competitividade em um cenário de transformações, enfocando a experiência de planejamento estratégico do Grupo Siemens no Brasil, empresa líder no mercado eletroeletrônico que tem obtido excelente desempenho na geração de valor agregado local (*). A experiência tem mostrado que, mesmo para empresas de longa tradição em pesquisa e desenvolvimento como no caso em questão, os incentivos representam um excelente motivador de geração de atividades de inovação, tendo em vista a enorme competitividade nesse mercado.

A Lei de Informática, importante instrumento de fomento ao desenvolvimento de centros locais de inovação na área de tecnologias da informação, embora aprovada no final do ano passado, após uma longa discussão, até hoje ainda carece de aspectos regulatórios que a tornem efetiva. Isso tem postergado investimentos e criado um viés pró-importador, em detrimento da produção local, o que significa perda de lugares de trabalho e gastos com divisas que poderiam ser evitados, especialmente numa fase de escassez de recursos, como a que vivemos agora.

No âmbito das relações inter-

nacionais, a pauta de discussões definida na recente reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Doha, representa chances e riscos e exigirá competência e habilidade negociadora não só para o governo, mas também das empresas e suas entidades representativas. Uma negociação competente nesse fórum será crucial para o aprofundamento das discussões no âmbito da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), da União Européia (UE), assim como a recente sinalização de interesse por parte dos EUA para um acordo com o Mercosul (C + 1).

Em todos esses fóruns há uma vasta pauta de discussões que não se restringem ao aspecto comercial em si, mas envolvem temas fundamentais para o futuro do País, como a questão da regulamentação das compras governamentais, legislação de patentes, critérios de normalização técnica, regras antidumping, entre outros assuntos de crucial importância.

O excelente desempenho das empresas do complexo eletroeletrônico em um cenário de grandes mudanças revela as oportunidades presentes em uma área que a dinâmica do mercado local e as chances de exportações ainda podem contribuir muito para o desenvolvimento brasileiro. Esse quadro só faz ressaltar a urgência das medidas de política econômica que viabilizem a competitividade e geração de valor agregados locais.

(*) Lacerda, A. C. e outros. *Tecnologia; Estratégia para a Competitividade – Inserindo a Variável Tecnológica no Planejamento Estratégico – o caso Siemens* (Nobel, 2001)

■ Antônio Corrêa de Lacerda, economista, é presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização Econômica (Sobeet) e diretor de Economia da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee). E-mail: aclacerda@puccsp.br

■ O artigo de Marcelo de Paiva Abreu, excepcionalmente, não é publicado hoje